

A cultura Hip Hop como linguagem pedagógica: um relato etnográfico no ensino de Sociologia.¹

Sabrina Royer Stragliotto Brito² (UFRGS)

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Dom Infante Henrique, localizada na cidade de Porto Alegre, com turmas do primeiro e terceiro ano do Ensino Médio, sob orientação da professora titular de Sociologia Amanda Machado. A pesquisa parte do entendimento de que os elementos da cultura Hip Hop, em especial o elemento *graffiti*, possuem potência pedagógica para aproximar os estudantes de debates sociológicos a partir de experiências culturais populares presentes em seus cotidianos.

A experiência foi construída a partir de uma abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, utilizando observação participante, diário de campo e da troca simbólica estabelecida em sala de aula, compreendendo o Hip Hop não apenas como manifestação cultural, mas como ferramenta pedagógica para a aproximação dos conceitos de Ação Social e Fato Social, do cotidiano dos estudantes.

A atividade consistiu na projeção de imagens de Pixação em espaços urbanos e favoreceu a participação dos estudantes, estimulando reflexões sobre moralidade, legitimidade, desigualdade social, estética e produção cultural. A experiência também permitiu observar como práticas culturais historicamente marginalizadas podem funcionar como ferramentas de aproximação entre conteúdos sociológicos e a realidade juvenil. Dessa forma, o trabalho busca refletir sobre as possibilidades do Hip Hop como ferramenta pedagógica crítica, capaz de tensionar currículos tradicionais e ampliar as formas de ensino-aprendizagem na disciplina de Sociologia.

Palavras-chaves: Hip Hop; *graffiti*; Sociologia.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, grafiteira da Família Artesanal, integrante do coletivo Nação Hip Hop, integrante do Colegiado do Hip Hop de Canoas, arte educadora de graffiti na Casa do Hip Hop Rubem Berta e integrante do coletivo Favela Ufrgs: e-mail: sabrinaroyer@hotmail.com

Introdução

Nesse dia, cheguei cedo na escola. Confesso que um nervosismo me atravessava, mas ao mesmo tempo existia tranquilidade em relação à proposta de plano de aula, que eu havia me comprometido a desenvolver com os alunos. Ao iniciar a aula, expliquei que revisariamos conceitos de dois clássicos das ciências sociais, Émile Durkheim e Max Weber, mas que antes de qualquer conteúdo eu queria que eles se sentissem à vontade para falar o que pensavam diante das imagens que seriam apresentadas. Pedi que falassem sem medo de errar, pois acreditava que somente dessa forma seria possível construir uma troca verdadeira dentro da sala de aula. Essa postura buscou estabelecer o que bell hooks (2013) define como uma pedagogia engajada, na qual a sala de aula se torna um espaço onde "estar inteiro" é fundamental para que estudantes e professores cresçam juntos na prática da liberdade.

Comecei projetando duas imagens. Na primeira imagem³, um prédio no centro de São Paulo completamente pixado e na segunda imagem⁴ também.

Imagem 1:



Imagem 2:



Pedi que observassem e dissessem exatamente o que sentiam ou o que lhes vinha à cabeça, e fui anotando palavras e frases que me ditavam no quadro. Quase que unânime,

³ Imagem de um prédio no centro da cidade de São Paulo: Disponível em:<< https://www.flickr.com/photos/bagagem_fotografica/6169469295>> acesso em:03/05/2026

⁴ Imagem de um prédio no centro da cidade de São Paulo: Disponível em:<< <https://x.com/espacoufmg/status/1330913423912284162/photo/1>>> acesso em:03/05/2026

me diziam palavras que remetiam a sentimento de abandono, insegurança, poluição e mais julgamentos depreciativos sobre ser feio, confuso e caótico. Em seguida, apresentei uma terceira e quarta imagens⁵: pixações que haviam sido feitas na 29ª Bienal de São Paulo, na qual, após a invasão de pixadores na 28ª Bienal, tensionaram a produção e a legitimação do que é arte e foram convidados a participar como artistas da edição seguinte.

Imagem 3:

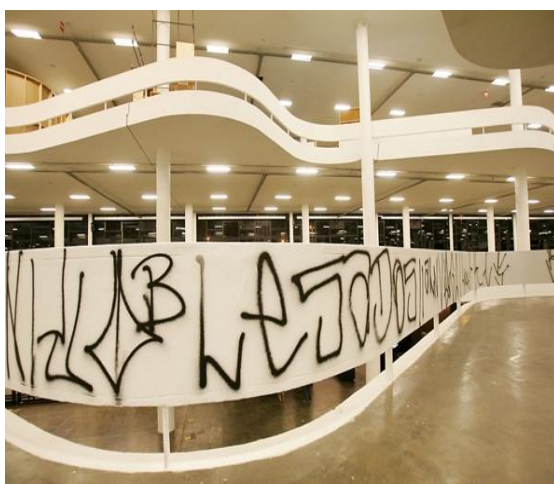
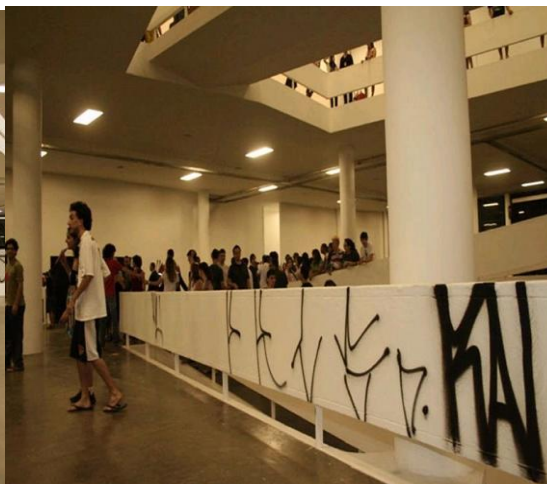


Imagem 4:



A mudança de cenário causou grande espanto nos alunos, e foi justamente nesse momento que consegui observar com mais profundidade as reações, os julgamentos e os significados que eles atribuíam à Pixação⁶. Quando a mesma estética que antes era vista como sujeira, abandono ou criminalidade apareceu dentro da Bienal de São Paulo como arte legitimada, os estudantes passaram a questionar o motivo pelo qual interpretavam aquelas imagens de formas tão diferentes. Esse deslocamento fez com que eles começassem a pensar a Pixação para além de uma leitura imediata de certo e errado, refletindo também sobre o contexto social, cultural e político que atravessa essa prática.

Foi nesse momento que consegui explicar, a partir dos elementos da cultura Hip Hop, o conceito de Fato Social de Durkheim (2004), o qual apresentei como um conjunto de maneiras de agir, pensar e sentir que são exteriores às consciências individuais e

⁵ Imagem da 29ª Bienal: Disponível em: <<
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1512200812.htm>>> acesso em: 03/05/2026

⁶ Neste trabalho, utiliza-se a grafia “Pixação” com X por compreender que o termo diferencia-se da noção genérica de “pichação”. Conforme Gustavo Lassala, “pichação” costuma designar inscrições urbanas aleatórias e desordenadas, frequentemente associadas apenas ao vandalismo, enquanto “Pixação” refere-se a uma prática estética e identitária marcada por códigos próprios, produção de pertencimento e construção de sentido no espaço urbano (LASSALA, 2017).

dotadas de um poder de coerção, o que pôde ser observado na sala de aula através da reprodução espontânea de estereótipos e julgamentos coletivos sobre a estética urbana, e a Ação Social de Weber, que pode ser compreendida como a ação orientada para o outro, no caso, foca no sentido subjetivo e no porquê, o que os motiva e o que querem comunicar as pessoas que pixam (WEBER, 2010). Ao usar o Hip Hop como ferramenta pedagógica, a prática possibilitou que os estudantes relacionassem situações do presente com processos históricos e sociais mais amplos. A partir dessa aproximação, os saberes produzidos nas periferias passaram a ser reconhecidos não apenas como vivências culturais, mas também como formas legítimas de compreender, interpretar e refletir sobre a sociedade.

Essa experiência ocorreu no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no qual participei acompanhando a professora Amanda, responsável pela disciplina de Sociologia. Atendíamos turmas de primeiro e terceiro ano do Ensino Médio em um período de aulas de revisão para as avaliações, com foco nos dois clássicos sociológicos, Émile Durkheim e Max Weber. Em diversos momentos, a professora relatava a dificuldade de trabalhar esses conteúdos, especialmente devido às limitações impostas pelas recentes mudanças no currículo do Ensino Médio, que prevê apenas um período semanal, de 50 minutos, para cada turma. Foi nesse cenário que assumi a responsabilidade de ministrar uma das aulas de revisão, cujo objetivo era apresentar, de forma comparativa, conceitos centrais dos dois autores clássicos.

A proposta desenvolvida, no entanto, partiu da tentativa de aproximar esses conteúdos da realidade dos estudantes, utilizando o *graffiti*⁷, como forma de mediação pedagógica. A partir dessa experiência, este trabalho busca refletir sobre as possibilidades de a cultura Hip Hop, não ser entendida apenas como expressão cultural, mas como ferramenta pedagógica no ensino de Sociologia, especialmente no contexto escolar.

Ao longo deste artigo, a escolha pelas grafias “Pixação” e *graffiti* não é apenas ortográfica, mas também política e analítica, na medida em que busca respeitar as formas de autoidentificação construídas no interior da cultura Hip Hop.

Esta pesquisa é construída a partir de um compromisso ético de não promover apagamentos em relação a uma cultura que profundamente respeito, evitando o apagamento ou a desqualificação de saberes produzidos por populações historicamente

⁷ "A palavra aqui usada e a grafia adotada — graffiti — vêm do italiano [...]. Graffiti é o plural de *graffito*. No singular, é usada para significar a técnica [...] no plural, refere-se aos desenhos" (Gitahy, 1999, p. 13)

marginalizadas. Ao me posicionar como mulher branca e praticante da cultura Hip Hop, reconheço as intersecções que atravessam minha trajetória e informam meu olhar e a responsabilidade de não tratar essa cultura apenas como um "acessório" didático.

A escolha pelo Hip Hop acontece porque essa cultura carrega, em sua própria formação histórica, processos de resistência negra, periférica e popular. Além disso, possibilita trabalhar temas que muitas vezes ainda aparecem de forma limitada dentro do currículo escolar, especialmente as relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03. Frequentemente, o ensino dessas questões permanece centrado apenas em narrativas de violência, subalternização da população negra e dor, deixando em segundo plano processos de resistência, criação cultural, organização coletiva e produção de identidade.

Apesar da escola ser oficialmente um espaço de acolhimento e formação de todos os sujeitos, as vozes e culturas negras e periféricas são sistematicamente desconsideradas ou silenciadas. Há uma expectativa de que esses sujeitos deixem de lado suas vivências, modos de falar, se vestir e interpretar o mundo, para se adaptarem a uma norma escolar branca, eurocêntrica e monocultural. (SOUZA, 2011).

Dentro dessa cultura, a escolha pelo *graffiti* como mediador pedagógico também parte da compreensão de que a imagem possui potência para provocar interpretação, identificação, estranhamento e leitura crítica do cotidiano. O *graffiti* produz impacto visual imediato, desperta memória, questionamento e subjetividade, possibilitando que os estudantes estabeleçam relações entre os conceitos sociológicos de Fato Social e Ação Social a situações presentes em seus próprios territórios e experiências urbanas.

Como praticante do *graffiti*, compreendo a cidade também como espaço de leitura social. Os muros, as marcas, as cores e as intervenções urbanas carregam disputas simbólicas, denúncias, pertencimentos e formas de ocupação da cidade. Nesse sentido, utilizar imagens ligadas ao *graffiti* dentro da sala de aula permitiu aproximar esses conceitos clássicos da Sociologia das experiências concretas dos estudantes.

Trabalhar conceitos sociológicos a partir do Hip Hop, especialmente através do *graffiti*, possibilita construir outras leituras sobre as populações periféricas, destacando também suas produções culturais, formas de organização, construções estéticas e práticas de resistência. Ao mesmo tempo, cria possibilidades de aproximação entre currículo escolar e cotidiano juvenil, favorecendo participação, identificação e envolvimento com os conteúdos trabalhados.

Nesse sentido, o Hip Hop produz pertencimento, autoestima e reconhecimento simbólico, fortalecendo identidades que não se constroem apenas a partir da

marginalização. A cultura Hip Hop, ao emergir das periferias como forma de resistência, também cria possibilidades de ocupação de espaços, produção de voz e reconhecimento social, permitindo que sujeitos historicamente silenciados possam se expressar e serem reconhecidos dentro e fora da escola.

O campo

O campo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Dom Infante Henrique, localizada na cidade de Porto Alegre no bairro Menino Deus em duas turmas, uma do primeiro ano e uma do terceiro ano, ambas do Ensino Médio no período da manhã. O Bairro, no qual está localizado a escola é predominantemente residencial e tradicional, e pode ser considerado um bairro de classe média alta segundo os dados do Procempa⁸.

Os estudantes das turmas, onde foi realizada a pesquisa, não moravam no mesmo bairro da escola. Por se tratar de uma escola localizada em uma área central e estratégica, eles vinham de diversos bairros da cidade e utilizavam transporte público para o deslocamento, o que evidencia uma relação cotidiana de circulação pela cidade e de acesso mediado ao espaço escolar. Como analisa Teresa Caldeira (2000, p.211), essa dinâmica de deslocamento e as transformações urbanas nas metrópoles produzem novos padrões de segregação espacial, nos quais a desigualdade social é inscrita no território e molda as possibilidades de interação e circulação dos cidadãos pelo espaço público.

Os marcadores de gênero eram bastante próximos, e, em sua maioria, os estudantes se autodeclaravam brancos, evidenciando uma predominância desse marcador social.

Metodologia

A proposta se ancora em uma abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica com observação participante. A intervenção ocorreu ao longo de uma aula, aplicada em duas turmas do Ensino Médio, totalizando aproximadamente entre 50 e 60 estudantes, com idades entre 15 e 20 anos. O contato com os alunos já vinha sendo estabelecido desde o segundo bimestre, ao longo de cerca de dois meses de acompanhamento em sala de aula, o que possibilitou a construção de uma relação considerada positiva, marcada por

⁸ PROCempa - Companhia de Processamento de Dados de Porto Alegre

Disponível

em:

<https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_menino_deus_oficial.pdf> acesso em: 10/04/2026

interação, diálogo e confiança. Ainda que o contato estivesse restrito ao ambiente escolar, as interações incluíam momentos de troca, conversas informais e dinâmicas próprias do universo juvenil.

Minha pergunta de pesquisa busca compreender: Em que medida a mobilização do elemento *graffiti*, pertencente a cultura Hip Hop, atua como um dispositivo de mediação capaz de traduzir conceitos clássicos da Sociologia para a realidade juvenil?

Durante a aula, atuei na condução da atividade, assumindo uma posição simultânea de professora em formação e pesquisadora, com a presença da professora titular em sala. A proposta consistiu na projeção de quatro imagens: inicialmente, duas imagens de prédios no centro de São Paulo completamente pixados, a partir das quais os alunos foram convidados a expressar livremente suas impressões, sentimentos e interpretações. As falas foram espontâneas e registradas no quadro, previamente dividido entre os autores Émile Durkheim e Max Weber.

De forma geral, as reações iniciais dos estudantes diante das imagens de Pixação estiveram associadas a sentimento de insegurança, poluição, caos, abandono, medo e pobreza, evidenciando elementos de reprodução social presentes nas percepções cotidianas, evidenciando julgamentos socialmente naturalizados sobre a cidade e sobre determinadas práticas culturais urbanas.

Em um segundo momento, a apresentação da imagem da 29ª Bienal de São Paulo — onde pixadores atuaram como artistas — provocou espanto e questionamentos sobre legitimidade. Essa mudança de cenário permitiu que os estudantes percebessem que a cultura é segundo Geertz (2008, p. 10) "um contexto, algo dentro do qual eles [comportamentos e processos] podem ser descritos de forma inteligível". A mudança de contexto provocou inicialmente espanto e riso, seguidos de questionamentos sobre arte, beleza, legitimidade e valor cultural.

A partir dessas interações, as falas foram organizadas coletivamente e associadas aos conceitos de Fato Social⁹ e Ação Social¹⁰. Aproximadamente 90% dos alunos

⁹ Segundo Durkheim, o Fato Social "é toda a maneira de fazer, fixada ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior" DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. Tradução de Eduardo Lúcio Nogueira. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004. p. 47.

¹⁰ Segundo Weber "Mas designar-se-á como acção 'social' aquela em que o sentido intentado pelo agente ou pelos agentes está referido ao comportamento de outros e por ele se orienta no seu curso" WEBER, Max. Conceitos Sociológicos Fundamentais. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia: Press, 2010, p. 7.

participaram em algum momento da atividade, seja por meio de falas, reações ou engajamento com a proposta.

O elemento *graffiti* foi utilizado como uma ponte para ligar a teoria dos conceitos de Fato Social e Ação Social com a vida que os alunos levam lá fora. A proposta era testar se essa aproximação trazia mais vontade de participar e se eles conseguiam fazer um link entre os conceitos trabalhados em sala com situações do dia a dia. Os dados da pesquisa foram constituídos a partir das falas espontâneas dos estudantes, das reações coletivas observadas em sala de aula, dos registros em diário de campo, da memória da pesquisadora e de uma conversa posterior com a professora titular, que contribuiu com percepções sobre o engajamento da turma e o desempenho dos estudantes na avaliação subsequente.

Do ponto de vista ético, a pesquisa preserva a identidade dos estudantes, não tendo sido utilizados registros formais individualizados, tampouco instrumentos como questionários. Trata-se de uma experiência situada e pontual, desenvolvida em duas turmas específicas, o que delimita o alcance dos resultados e impede generalizações amplas.

A proposta foi motivada por um percurso de leitura que aproxima educação e prática social, especialmente a partir de perspectivas de educação popular que buscam articular o cotidiano dos estudantes ao currículo normativo escolar. Nesse sentido, dialoga com as contribuições de Paulo Freire, bell hooks e Jean Lave, especialmente no que se refere à valorização dos saberes cotidianos e à construção de práticas pedagógicas situadas, que segundo Lave (2015), a aprendizagem deve ser entendida como um processo situado nas relações sociais e na prática cotidiana, e não meramente como uma atividade mental individual. A utilização das imagens como dispositivo pedagógico foi inspirada por essas leituras, e também pela leitura de Ana Lúcia Silva Souza, especialmente pela noção de letramentos de reexistência, que orienta a construção de estratégias de ensino conectadas às experiências culturais dos sujeitos.

Nesse sentido, a utilização do Hip Hop com foco no elemento *graffiti* foi mobilizada como estratégia de mediação, buscando estabelecer conexões entre o currículo normativo da disciplina e as vivências dos estudantes. A proposta consistiu em observar em que medida essa aproximação possibilitaria não apenas maior engajamento, mas também a capacidade de relacionar os dois conceitos com situações concretas do cotidiano.

A linguagem e os modos de existir desses jovens, como o uso do rap, do *graffiti* e da oralidade, muitas vezes são tratados como desvio, e não como expressão legítima de conhecimento e identidade. Esse processo produz uma exclusão simbólica que, mesmo quando não é física, marginaliza os estudantes, tornando-os estrangeiros em um espaço que deveria ser seu por direito. (SOUZA,2011)

Como critério analítico, considerou-se especialmente: (a) o nível de participação dos estudantes durante a atividade; (b) a capacidade de estabelecer relações entre as imagens apresentadas e os conceitos trabalhados; e (c) as mudanças de percepção observadas ao longo da aula, sobretudo a partir da comparação entre as imagens de pixação em espaço urbano e sua inserção em contexto artístico institucional.

Durante a atividade, foi possível observar que o conceito de Fato Social, em Durkheim, produziu maior impacto entre os estudantes, especialmente ao permitir a problematização de práticas naturalizadas do cotidiano, como normas de comportamento, hábitos e padrões sociais. A partir dessa mediação, os alunos passaram a questionar elementos como casamento, higiene, moda e outras práticas sociais, evidenciando a compreensão do caráter coercitivo e coletivo desses fenômenos.

A participação expressiva dos estudantes, aliada à capacidade de mobilizar exemplos próprios e estabelecer relações com a realidade social, constitui um dos principais indicadores da efetividade da proposta. A reação à imagem da Bienal, marcada inicialmente por estranhamento e posteriormente por questionamento, também se apresentou como evidência de um processo de ressignificação, indicando que a mediação proposta contribuiu para deslocar percepções e ampliar o entendimento dos conceitos trabalhados.

Dessa forma, o Hip Hop, a partir desta experiência, pode ser compreendido como um dispositivo metodológico potente, capaz de aproximar conteúdos densos da Sociologia das experiências juvenis, favorecendo processos de aprendizagem mais conectados com a realidade dos estudantes e com as múltiplas dimensões que atravessam suas vidas.

Do estigma à estética

A proposta pedagógica desenvolvida partiu da utilização da cultura Hip Hop, especialmente do elemento *graffiti*, como dispositivo de mediação para o ensino de conceitos clássicos de Fato social e Ação Social no Ensino Médio. A escolha pelo Hip Hop não foi pensada apenas como estratégia de engajamento ou aproximação lúdica, mas

como possibilidade de estabelecer conexões entre os conceitos sociológicos a experiências concretas vividas pelas juventudes urbanas.

A escolha pelo elemento *graffiti*, para trabalhar em sala de aula os conceitos de Émile Durkheim e Max Weber, também se relaciona à minha trajetória dentro da cultura Hip Hop há mais de dez anos. Essa inserção prévia no campo possibilitou uma forma específica de leitura das imagens e das possibilidades que poderiam ser trabalhadas com os jovens. Por se tratar de uma cultura amplamente presente nos cotidianos juvenis, suas linguagens, estéticas e formas de expressão atuam como mediação cultural, capaz de deslocar os conteúdos sociológicos do campo abstrato para situações reconhecíveis do cotidiano.

No interior da cultura Hip Hop, a imagem não opera apenas como elemento estético, mas como linguagem social. “Ler” um desenho significa interpretar símbolos, territórios, estilos, alianças, disputas e formas de pertencimento inscritos na cidade. Nesse sentido, a escolha metodológica pelas imagens, em vez da utilização exclusiva de recursos sonoros ou textuais, esteve vinculada à compreensão do *graffiti* como prática visual capaz de mobilizar interpretações imediatas e afetivas.

Durante a atividade, as imagens de Pixação produziram reações instantâneas entre os estudantes, associadas principalmente a sentimentos de medo, abandono, violência, caos e insegurança. Essas respostas deixaram claro como a visão deles é moldada pelo que Teresa Caldeira define como “fala do crime”.

A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos. Ela, de modo simplista, divide o mundo entre o bem e o mal e criminaliza certas categorias sociais. (CALDEIRA, 2000, p. 10)

Nesse contexto, a imagem não serviu apenas para ilustrar a aula, mas como um dispositivo pedagógico que acessou memórias e julgamentos morais antes mesmo dos alunos racionalizarem os conceitos de Durkheim ou Weber. Antes da teoria, veio o corpo: estranhamentos, risos e silêncios. Como defende bell hooks, uma “pedagogia engajada reconhece que não aprendemos apenas com a mente, mas com o “corpo inteiro”. Ao valorizar essas reações emocionais, a sala de aula deixou de ser um depósito de informações para se tornar uma comunidade de aprendizagem onde “estar inteiro” é o primeiro passo para o conhecimento real” (HOOKS, 2013). A mediação pedagógica ocorreu justamente a partir dessas reações, possibilitando deslocar percepções naturalizadas e produzir questionamentos sobre arte, legitimidade, cidade e violência.

A apresentação posterior da imagem da 29ª Bienal de São Paulo provocou uma ruptura importante. Ver a Pixação em um espaço institucionalizado e que tem poder de legitimação sobre o que é arte, produziu espanto e forçou os jovens a não olharem apenas para a tinta na parede, mas para o que a Pixação significa ao ocupar um lugar de poder, rompendo com o senso comum. O gesto de pixar, que na rua era lido como crime, na Bienal passou a ser questionado como arte, revelando que as "teias de significados"¹¹ da cidade dependem de quem tem o poder de definir o que é legítimo. O fato de a Pixação aparecer inserida em um espaço institucionalmente legitimado como artístico produziu espanto e questionamentos sobre quem define o que pode ser considerado arte, quais práticas culturais são reconhecidas socialmente e de que maneira determinados sujeitos e territórios permanecem historicamente marginalizados.

Nesse momento, uma das estudantes chamou atenção para o fato de que a Pixação continuava sendo uma prática realizada de forma ilegal nas ruas, enquanto na Bienal havia sido autorizada institucionalmente. Sua observação evidenciou tensões importantes presentes na discussão, especialmente relacionadas à legalidade, legitimidade e reconhecimento artístico. A situação revelou que as interpretações dos estudantes não eram homogêneas, mas atravessadas por diferentes valores morais, familiares e sociais.

A partir dessa intervenção, o debate se aprofundou sobre como a mesma estética produz leituras diferentes conforme o espaço. A atividade permitiu sair de uma educação bancária —que apenas dita o que é certo ou errado— para uma educação como prática da liberdade,” na qual o conhecimento deixa de ser um depósito de informações em recipientes passivos para se tornar um processo dialógico de desvelamento da realidade, onde educador e educando aprendem juntos a ler e transformar o mundo.” (FREIRE, 1987 p.33 e 44)

Nesse contexto, os mecanismos sociais que definem quais práticas culturais são consideradas legítimas se relacionam aos sentidos atribuídos às ações dos sujeitos, dialogando com o conceito de Ação Social trabalhado em aula e com as disputas por significado presentes na cidade. A utilização do *graffiti* como elemento central da proposta pedagógica permitiu tensionar percepções naturalizadas, promovendo uma postura mais crítica e participativa dos estudantes diante das hierarquias tradicionais

¹¹ "Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado." GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1. ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 4

presentes no espaço escolar. A democratização da arte, aqui, relaciona-se à ruptura com o modelo eurocêntrico e individualista, valorizando o Hip Hop como uma produção cultural construída nas periferias e atravessada por experiências de resistência, pertencimento e criação coletiva.

A ocupação dos muros e espaços públicos através do *graffiti* possibilita que diferentes sujeitos deixem marcas visíveis de sua existência na cidade, transformando o espaço urbano em suporte de comunicação, denúncia, pertencimento e manifestação cultural, desafiando a segregação espacial que, como aponta Teresa Caldeira, 2000 inscreve a desigualdade no território para moldar as possibilidades de circulação dos cidadãos. O *graffiti* produz formas alternativas de circulação da arte, aproximando-a do cotidiano e combatendo a elitização cultural que mantém museus e galerias distantes simbólica e materialmente das maiorias urbanas.

A diferença de tratamento social entre *graffiti* e Pixação também evidencia disputas morais e políticas sobre quem pode ocupar visualmente a cidade. Enquanto determinadas formas de *graffiti* passam a ser aceitas quando associadas ao embelezamento urbano, à institucionalização artística ou ao consumo cultural, a Pixação segue frequentemente associada à sujeira, violência, desordem e criminalidade. Essas percepções revelam processos históricos de moralização do espaço urbano e criminalização de práticas culturais vinculadas às juventudes periféricas e aos movimentos de contestação social.

No contexto brasileiro, a Pixação também carrega dimensões históricas de denúncia e intervenção política, especialmente em períodos de repressão e autoritarismo. Além disso, o chamado “Pixo Reto”, característico das cidades brasileiras, constitui uma linguagem visual própria, marcada por códigos estéticos específicos e formas particulares de inscrição urbana, evidenciando que a Pixação também produz cultura, identidade e comunicação social.

A experiência desenvolvida no âmbito do PIBID partiu também da percepção das dificuldades encontradas pelos estudantes na assimilação de conceitos clássicos da Sociologia, especialmente em razão do curto tempo destinado à disciplina e da distância entre o vocabulário sociológico e as experiências cotidianas dos jovens. Conceitos como hegemonia, democracia, heterogeneidade, relações sociais e disputa de poder frequentemente apareciam como abstratos e pouco acionados fora do ambiente escolar, dificultando sua memorização e apropriação pelos estudantes. No caso específico dos autores clássicos, como Émile Durkheim e Max Weber, essa dificuldade tornava-se ainda

mais evidente, uma vez que os conceitos exigiam não apenas memorização, mas também capacidade interpretativa e abstração teórica.

A utilização das imagens permitiu traduzir visualmente conceitos como Fato Social e Ação Social. As reações espontâneas dos estudantes diante das imagens de Pixação evidenciaram processos coletivos de julgamento, moralização e reprodução de percepções socialmente naturalizadas, aproximando-os da compreensão do conceito durkheimiano de Fato Social. Ao mesmo tempo, os questionamentos sobre as motivações dos Pixadores — especialmente sobre a busca de uma compreensão para a ação de arriscarem suas vidas para realizar inscrições urbanas sem retorno financeiro — abriram espaço para refletir sobre os sentidos atribuídos às ações individuais, aproximando os estudantes da noção weberiana de Ação Social.

As imagens operaram, não apenas como ilustração, mas como mediação interpretativa, pois em muitos casos, os conteúdos sociológicos aparecem dissociados das experiências concretas das juventudes, organizados a partir de linguagens abstratas e formas tradicionais de transmissão do conhecimento, o que pode dificultar processos de identificação e participação dos estudantes.

Ao mobilizar elementos do *graffiti*, como mediação pedagógica, a atividade permitiu problematizar julgamentos sociais frequentemente naturalizados e por isso o Hip Hop operou não apenas como conteúdo cultural, mas como linguagem crítica capaz de produzir deslocamentos interpretativos sobre cidade, arte, moralidade e poder.

Dessa forma, o Hip Hop, especialmente através do *graffiti*, pode ser compreendido como um dispositivo pedagógico potente, capaz de traduzir os conceitos sociológicos de Fato Social e Ação Social em experiências concretas, produzindo identificação e participação dentro do espaço escolar.

Conclusão

A partir desta experiência, foi possível observar que a cultura Hip Hop possui potência como ferramenta pedagógica para o ensino de Sociologia, especialmente por aproximar conceitos dos clássicos Émile Durkheim e Max Weber a realidade cotidiana dos estudantes. Mais do que facilitar a compreensão dos conceitos, a experiência mostrou que a aprendizagem se fortalece quando os estudantes conseguem reconhecer suas vivências, linguagens e referências culturais dentro do espaço escolar.

Também foi possível perceber como determinados julgamentos sociais aparecem naturalizados entre os jovens, especialmente em relação à cidade, à estética urbana e às

culturas marginalizadas. A mudança de percepção diante das imagens da Bienal evidenciou como legitimidade, arte e valor cultural são construções atravessadas por relações de poder, classe e moralização social.

Ao utilizar imagens ligadas ao *graffiti*, a aula possibilitou que os estudantes observassem, na prática, mecanismos de reprodução social presentes no conceito de Fato Social em Durkheim e refletissem sobre sentidos, motivações e ações humanas a partir do conceito de Ação Social em Weber.

A experiência também reforçou a importância de reconhecer culturas periféricas como produtoras legítimas de leitura social e produção de conhecimento. O Hip Hop não apareceu, nesse contexto, como entretenimento ou apenas como recurso para “chamar atenção” dos alunos, mas como uma linguagem capaz de tensionar formas tradicionais de ensino e aproximar os estudantes da Sociologia através de referências que fazem parte de seus cotidianos.

Ao longo da atividade, ficou evidente que os estudantes respondiam de forma mais participativa quando conseguiam perceber relação entre os conteúdos aplicados e as experiências que atravessam suas vidas, seus territórios e suas formas de circulação pela cidade.

Da mesma forma, a experiência permitiu compreender que o uso do Hip Hop em sala de aula também exige cuidado metodológico e reflexão constante. Em alguns momentos, percebi limitações da própria proposta, especialmente em relação à possibilidade de aprofundar debates sobre criminalização da Pixação, desigualdade urbana e pertencimento cultural. Essas questões demonstram que experiências como esta não produzem respostas prontas, mas abrem caminhos para novas reflexões e possibilidades pedagógicas.

Por fim, compreendo que o uso da cultura Hip Hop como ferramenta pedagógica não resolve sozinho os problemas estruturais da educação pública, do currículo escolar ou das desigualdades sociais. Ainda assim, pode funcionar como um dispositivo de aproximação entre escola e juventude, especialmente ao reconhecer que saberes produzidos fora dos espaços institucionais também possuem valor, potência crítica e capacidade de produzir leitura sociológica sobre o mundo social.

Referências:

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Editora 34 / Edusp, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Eduardo Lúcio Nogueira. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos, 312)

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LASSALA, Gustavo. **Pichação não é Pixação: Uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas**. São Paulo: Altamira, 2017.

LAVE, Jean. **Aprendizagem como/na prática**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200003>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. Prefácio de Mariza Peirano; tradução de Anton P. Carr e Ligia Cardieri. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314

PROCempa - **Companhia de Processamento de Dados de Porto Alegre** Disponível em: https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_menino_deus_oficial.pdf > acesso em: 10/04/2026

RINK, Anita. **Graffiti: intervenção urbana e arte**. Campinas: Appris, 2013.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. Ipiranga: Parábola, 2011.

WEBER, Max. **Conceitos Sociológicos Fundamentais**. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia: Press, 2010